

«A nossa companhia é para todos? Também para os seus colegas da escola?»

«PASSOS DE EXPERIÊNCIA CRISTÃ»

18. Universalidade

de Luigi Giussani*

A própria natureza da ação cristã, isto é, a partilha, indica terminantemente o seu âmbito, que é ilimitado; empenhar-se numa genuína experiência de caridade significa escancarar-se ao universo. Qualquer limite imposto do interior de nós mesmos à amplitude da nossa existência mortifica o amor; este, o amor, não é de fato um gosto, nem um cálculo nem tampouco um projeto inteligente elaborado por nós; ele é uma humilde adesão ao ser, assim como se nos oferece.

Por isso, a característica essencial e a verificação definitiva da existência cristã é a sua abertura ilimitada, ou seja, a sua *universalidade*.

Também um empenho autenticamente humano é indispensável que se estenda a todos, porque a humanidade pertence inevitavelmente a todos; e uma atenção à própria experiência humana não é verdadeira se se aparta talvez inconscientemente da experiência de todos. Porém, a clareza de uma perspectiva universal e a energia para persegui-la concretamente são mais um dom que uma conquista, mais um encontro que uma genialidade pessoal. São o fruto do Espírito.

Compreende-se, então, por que o primeiro gesto dos Apóstolos depois do Pentecostes – o discurso de Pedro aos hebreus – testemunha de modo tão inequívoco e até clamoroso a entrega a um ideal sem limites.

Tão logo a ordem do Senhor – «Ide e anunciai o evangelho a toda criatura»¹ – se tornou, pelo dom do Espírito, realidade dominante e concreta, a Igreja conheceu o advento da maturidade: pois deixamos de ser crianças e nos sentimos adultos somente quando caminhamos rumo ao universal.

É o acontecimento de um gesto decididamente humano, de um trabalho fecundo porque finalmente devolvido às suas dimensões originais.

Nenhuma existência cristã é tal se não repete essa clara abertura ao universo. Esta abertura não se realiza tanto no impossível desprezo ou no desinteresse desumano pelo particular; mas, sim, no modo como o particular é vivido. Família ou amizade, classe ou escola, estudo ou profissão podem a cada vez tornar-se objeto de sério empenho e de genuína dedicação; mas o motivo do empenho deve transcender todos os rostos e todos os nomes, não deve se deixar prender a nenhuma particularidade, ainda que seja muito importante. »

¹ Mt 28,19.

* Do volume *O caminho para a verdade é uma experiência*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2006, pp. 148-150.

» Qualquer um pode encontrar facilmente o gosto ou as razões para se ocupar do reduzido âmbito que o circunda; mas toda escolha que não tem outros motivos além de si mesma nada mais é que um egoísmo dilatado, um sentimentalismo injusto. Infelizmente, o costume de hoje afirma eloquentemente, também na altissonante mentira de seus conclamados universalismos, a incapacidade de superar uma perspectiva sempre limitada; incapacidade que se torna rapidamente impossibilidade de ser fiel ao particular, experimentado, assim, tão estreito e mesquinho como uma prisão.

Ao contrário, a segura liberdade de uma existência cristã, o seu vigilante desprendimento de todo particularismo, a decidida prontidão a toda novidade autêntica constituem, por si sós, uma promessa segura, uma profecia do advento do Reino:

«Eis que virão dias,
diz o Senhor,
em que enviarei fome sobre a terra;
não fome de pão, nem sede de água,
mas de ouvir a palavra do Senhor.
Os homens vaguearão de um mar a outro mar,
circulando do norte para o oriente,
em busca da palavra do Senhor,
mas não a encontrarão.
Naquele dia desfalecerão de sede
as belas virgens e também os rapazes».²

² Am 8,11-13.